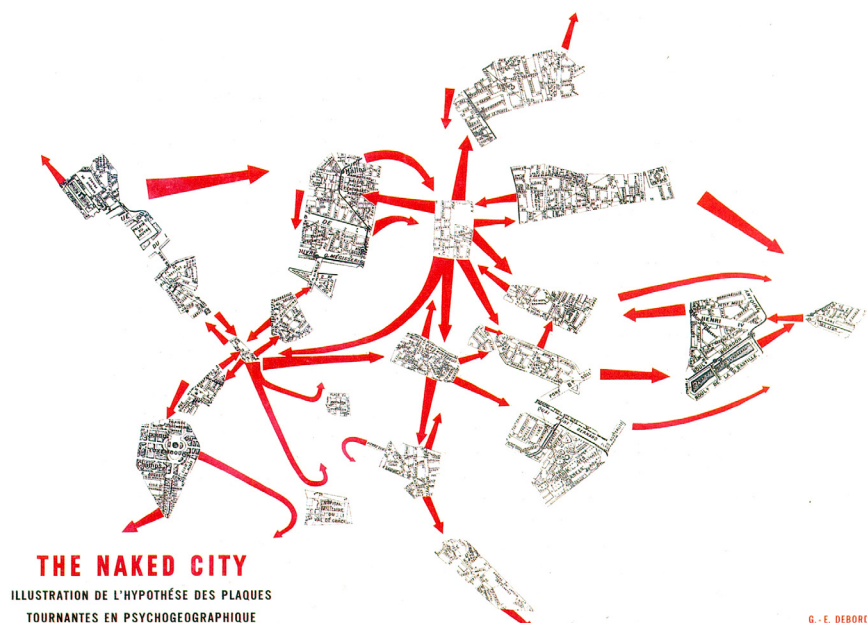


_editorial



I

A imagem que ilustra a capa desta edição temática da Risco sobre os situacionistas¹ é do “indicador dos caminhos de deriva”, a qual ocupa toda a última página do Boletim número 7 da Internacional Situacionista (I.S.), de abril de 1962. A mesma imagem já havia sido usada no primeiro número do Boletim como ilustração do texto de Asger Jorn, “Os situacionistas e a automação”. Aí, lemos em sua legenda: “Este aparelho permite o traçado automático da curva de Gauss (posição das bilhas na chegada). Os problemas artísticos da deriva se situam ao nível dos trajetos relativamente imprevisíveis de cada bilha.”²

O tema da deriva perpassa este número da Risco de várias maneiras. Concebida há mais de 3 anos, a construção desta edição sofreu os grandes impactos que marcaram nossa sociedade nesse período – do desastre de Brumadinho (MG) à ascensão crescente do neofascismo em todas suas dimensões político-culturais, passando pela aceleração da devastação da Amazônia e dos assassinatos de indígenas, desmonte da educação e da pesquisa, negacionismo científico, perda de direitos e precarização do trabalho, a expansão da selvageria do mundo digital (o “estado de natureza” da web), até a pandemia de Covid-19, o desastre sanitário em proporções trágicas que já ultrapassa as 670 mil mortes em nosso País e continua, embora muitos afirmem que a epidemia já passou e querem determinar seu fim. E na reta final desta edição mais uma guerra irrompe em plena Europa, destruindo, matando e produzindo alguns milhões de refugiadas e refugiados.

Figura: Guy Debord, Asger Jorn: *The naked city: illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographique* [sic], 1957. Serigrafia. Fonte: ANDREOTTI; COSTA, 1996, p. 5.

Em fins de 2019, os editores deste número temático, junto com Luciano Bernardino da Costa, docente do IAU-USP, realizaram uma deriva pelas imediações da Estação Ferroviária de São Carlos. Ao longo dos percursos foram feitos registros fotográficos

¹ “Situacionista: O que se relaciona à teoria ou à atividade prática de uma construção de situações. Aquele que se aplica a construir situações. Membro da Internacional Situacionista”. (In: “Definições”, Boletim da IS, nº 1, junho de 1958, p. 13).

² JORN, Asger. “Les situationnistes et l’automation”. In: INTERNATIONALE SITUATIONNISTE 1958-1969. Paris: Éditions Champ-Libre, 1975, pp.22-25, p.22.

³ “Definições”, Boletim da IS, nº 1, junho de 1958, p. 13.

⁴ Há inúmeros títulos que abordam a prática do caminhar. Destacamos dentre eles o *Éloge de la marche*, de David Le Breton (Paris: Métailié, 2000) e *Marcher, une philosophie*, de Frédéric Gros (Paris: Carnets Nord, 2009). E ainda: Rebecca Solnit. *Wanderlust. A History of Walking*. (New York: Penguin Books, 2000); Francesco Careri. *Walkscapes. El andar como práctica estética*. (Barcelona: Gustavo Gili, 2002); Geoff Nicholson. *The lost art of Walking. The History, Science, Philosophy, and Literature of Pedestrianism*. (New York: Riverhead Books, 2008); David Evans (edited by). *The Art of Walking. A field guide*. London: Black Dog Publishing, 2012. Sobre as relações entre a arte e o caminhar veja-se o livro de Thierry Davila, *Marcher, créer - Déplacements, flâneries, dérives dans l’art de la fin du XXe siècle*. (Paris: Du Regard, 2007). O tema do caminhar também se relaciona diretamente com o das viagens, cuja bibliografia é imensa. Assinalamos aqui apenas o livro magnífico de Daniel Roche, *Humeurs vagabondes. De la circulation des hommes et de l’utilité des voyages* (Paris: Fayard, 2003). E sobre o tema correlato da vagabundagem vale mencionar o livro de Jean-Claude Beaune, *Le Vagabond et la Machine. Essai sur l’automatisme ambulatoire. Médecine, Technique et Société 1880-1910*. (Paris: Presses Universitaires de France, 1983).

⁵ Apud Mario Perniola; *Os Situacionistas. O movimento que profetizou a “Sociedade do Espetáculo”*. São Paulo: Annablume, 2009.

e, embora dispuséssemos de celulares, eles quase não foram utilizados para nos comunicarmos. Posteriormente trabalhamos sobre esses registros e fragmentos, aos quais acrescentamos relatos, breves poemas e citações de Rimbaud e de Breton, em colagens com as fotos que havíamos feito. Dessa experiência elaboramos o último artigo deste número especial da *Risco*, um possível mapa poético de nossas derivas, sem maiores pretensões, pegadas pré-pandemia.

A realização de uma deriva apresenta riscos, pois sair caminhando ao acaso não é fácil, deixar se perder por qualquer pedaço da cidade é tarefa que impõe o abandono de amarras e referências, como uma operação de desterritorialização subjetiva, mesmo que fugaz. Mas que é também uma contínua descoberta, de novos lugares, inscrições diferenciadas, presenças estranhas, cenários de formas precárias. Os situacionistas definiram deriva como sendo: “O modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem precoce através de ambientes variados. Se diz também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.”³ Tal prática remete a proposições que vão de Jean-Jacques Rousseau, com as dez caminhadas de seu “Devaneios do caminhante solitário”, de final do século XVIII, ou o tratado do filósofo prático Karl Gottlob Schelle, “A arte de passear”, escrito em 1802, ou ainda a conferência “Walking”, de Henry David Thoreau, de meados do século XIX, passando pela *flanêrie* baudelairiana até a *deambulação* dos dadaístas e surrealistas nas primeiras décadas do século XX, dentre outras inúmeras manifestações da errância e vagabundagem como formas de sociabilidade e territorialização que mantêm o nomadismo como modo de vida, ainda presente em alguns grupos indígenas e entre ciganos, embora estes cada vez mais sedentarizados⁴.

Três meses após realizarmos nosso exercício de deriva, a irrupção da epidemia de Covid-19 nos forçou tanto ao isolamento social, quanto à redução de nossa circulação. Se, como dizia Constant, “para a estreita relação entre ambiente e comportamento, a aglomeração é indispensável”⁵, a peste impôs o distanciamento social, reforçando o confinamento espacial já presente em nossas sociedades. As estratégias espaciais de controle de uma epidemia, como as barreiras sanitárias, os cordões de isolamento, até o chamado “lockdown”, assim como as quarentenas e suas estações, lazaretos, etc. acirram os mecanismos de vigilância e controle do Estado sobre os cidadãos, visando impedir a propagação do vírus. Ainda que possam ser necessários para impedir a difusão da doença, visando o bem comum, se inscrevem nos marcos de meios de vigilância e controle dos corpos, de exercício de um poder centralizado, como bem analisou Foucault. Percebemos que as relações entre a peste e a deriva são sempre tensas e de oposição, pois se a peste força a deriva dos corpos que buscam escapar de uma cidade pestilenta, rumo a uma vida rural com seu distanciamento social, ela também leva à imposição de um confinamento. A realização de uma deriva, em uma Roma vivendo uma epidemia foi a experiência que Francesco Careri realizou com seus alunos ainda no primeiro semestre de 2020, durante a qual a *Risco* o entrevistou e cuja entrevista aqui publicamos.

São muitas as justificativas para a elaboração de um número temático da *Risco* sobre a Internacional Situacionista, como a atualidade de seu ideário, mas também sua necessidade, como pensamento crítico e radical da cultura midiática, do autoritarismo, da guerra, da vida cotidiana homogeneizadora, da arquitetura e do urbanismo

espetacularizados, e ainda as múltiplas ressonâncias que esse breve movimento de vanguardas político-artísticas suscitou. Em 2010, a Revista *Anthropos*, em seu nº 229, também teve como tema a Internacional Situacionista, apresentando inclusive um artigo de Raoul Vaneigen sobre sua atualidade, no qual que ele afirma: “os situacionistas ofereceram (...) um pensamento crítico cuja radicalidade permanece sendo ignorada”⁶, e mais à frente, “as ideias difundidas pelos situacionistas são as únicas a opor uma crítica radical a esse totalitarismo do dinheiro que destrói tudo à sua passagem, propagando, como uma peste emocional, o lamentável reflexo da autodestruição.”⁷

⁶ VANEIGEN, Raoul. “La Internacional Situacionista hoy”. In: Revista ANTHROPOS. Barcelona: nº 229, 2010, p.31.

⁷ *Op.cit.*, p.32.

Como destacavam os editores desse número especial da *Anthropos*, realizá-lo “significava voltar a um conceito da crítica social de forma muito radical e propor pensar e experimentar, novamente, o sentido da autogestão generalizada.”⁸ Acreditamos que este número especial da *Risco*, maturado lentamente e por cuja demora em vir à lume pedimos escusas aos autores que para ele contribuíram decisivamente, ainda que combatido pela voragem de um cotidiano sombrio impregnado de políticas necrófilas, reafirme um pensamento crítico radical urgente nos atuais tempos pandemônicos, espantando o medo e a inação, reagindo ao assombro, reanimando as esperanças de uma vida criativa. Assim, aqui buscamos retomar, com olhares e visadas contemporâneas, um ideário que, como Vaneigen assinalou, “não profetizou nada”, mas colocou “as bases de uma internacional do gênero humano”⁹ E ainda, um número especial sobre os situacionistas, em uma revista de arquitetura e urbanismo, como a *Risco*, busca recordar que para eles, como discute Tom McDonough em seu artigo sobre “O espaço situacionista”¹⁰, trata-se da transformação da cidade por meio da deriva, ou como afirma, “A deriva como prática da cidade se reapropriou do espaço público arrebatando-lhe do âmbito do mito, devolvendo-lhe sua plenitude, sua riqueza e sua história” (p.113).

⁸ Revista ANTHROPOS. Barcelona: nº 229, 2010, p.13.

⁹ *Op.cit.*, p.32.

¹⁰ McDONOUGH, Tom. “El espacio situacionista”. In: Revista ANTHROPOS. Barcelona: nº 229, 2010, pp.99-113.

II

O movimento da Internacional Situacionista (I.S.) foi fundado na pequena vila italiana de *Cosio di Arroscia*, no dia 28 de julho de 1957, resultado da ação comum fruto da união de diferentes vanguardas artísticas, o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista (M.I.B.I.), representado por Asger Jorn, Pinot-Gallizio, Walter Olmo, Piero Simondo e Elena Verrone; a Internacional Letrista (I.L.) representada por Guy Debord e Michèle Bernstein; e o Comitê Psicogeográfico de Londres (C.P.L.) representado por Ralph Rumney. Durante o encontro foi firmado um programa comum publicado no célebre texto *Rapport sur la construction des situations et sur les conditions de l'organisation et de l'action de la tendance situationniste internationale*, no qual os situacionistas se intitularam como “frente revolucionária na cultura” e não desejaram nada menos que “[...] a mais libertadora mudança da sociedade e da vida em que estamos aprisionados”. O referido relatório começou a ser formulado um ano antes, por ocasião do Congresso Mundial de Artistas Livres, também realizado na Itália, na cidade de Alba, em junho de 1956, cujo tema era “As artes livres e as atividades industriais”, evento que reuniu pela primeira vez integrantes do M.I.B.I., ex-integrantes do extinto grupo COBRA (Copenhague, Bruxelas, Amsterdã – 1948-1951) e integrantes da I.L. É importante destacar que as principais teorias que serão consolidadas pela I.S., as quais são apresentadas no texto com as palavras de ordem: urbanismo unitário, comportamento experimental, propaganda hiperpolítica e construção de ambiências, já haviam sido formuladas pelos grupos que a constituirão em 1957.

Muitos autores que tratam a história da I.S. dividem sua trajetória em dois períodos: o primeiro de 1957-1961, no qual o movimento é compreendido como uma vanguarda estética, e o segundo de 1961-1972, no qual é compreendido como uma vanguarda política. Discordamos dessa interpretação, pois a unidade do projeto estético-político de transformação do mundo proposto pelos situacionistas estava presente desde seus primeiros boletins. Nos limitamos a afirmar que o movimento inicialmente enfatizou suas ações no campo estético e cultural no seu primeiro período e, após a exclusão dos artistas do grupo, em 1961, enfatizou seu engajamento no campo político.

O primeiro período da I.S., o qual teve maior difusão e interesse principalmente no campo da arquitetura e do urbanismo, é o resultado das formulações teóricas e exploração de práticas urbanas desenvolvidas pela Internacional Letrista, COBRA e M.I.B.I.. A I.L. é oficialmente fundada em novembro de 1952, quando a corrente dissidente que se considerava à esquerda do movimento Letrista, liderada por Guy Debord, Jean-Louis Brau e Gil J. Wolmam, rompe com Isidore Isou e Gabriel Pomerand (fundadores do movimento Letrista). Segundo Debord, a partir do momento no qual Isou admitiu ser possível que as disciplinas estéticas poderiam ter uma renovação num contexto semelhante ao antigo, cometeu um erro idealista intolerável. Unem-se à I.L. Mohamed Dahou, Andre-Frank Conord, Jacques Fillon, Ivan Chtcheglov e Michèle Bernstein (futura companheira de Debord), que propõem o seu programa de realização da arte na vida cotidiana, na qual a criatividade de cada indivíduo poderá ser livremente desenvolvida. É o que os jovens membros do grupo chamam de “construção de situações”. Graças a Ivan Chtcheglov, em 1953, com o texto *Formulaire pour un urbanisme nouveau*, o qual só será publicado em 1958, no primeiro número do boletim da I.S., que as modalidades da realização da arte tornaram-se mais precisas. As bases para uma nova prática de observação e uma nova disciplina científica são propostas, a deriva e a psicogeografia, afim de vivenciar os comportamentos experimentais e estudar os efeitos do meio urbano que agem no comportamento afetivo dos indivíduos. A I.L. divulgou o seu ideário através do seu boletim intitulado *Potlatch*, publicado entre 1954-1957. A importância da I.L. assim como suas teorias e ações são tratadas no artigo “‘Por que Potlatch?’ – Contribuições do Boletim de Informação da Internacional letrista para o estabelecimento de uma nova civilização”, de Thauany Freire e Rachel Vasconcellos.

Durante o período, a I.L. estabeleceu uma colaboração com os surrealistas belgas que organizavam a revista *Les Lèvres nues*, na qual publicaram, entre 1955 e 1956, os textos *Introduction à une critique de la géographie urbaine*, *Mode d’emploi du détournement* e *Théorie de la derive*. A aproximação dos futuros situacionistas com o ideário do movimento surrealista inicia-se com o Grupo Surrealista Revolucionário, fundado em 1947, pelo belga Christian Dotremont e o francês Noël Arnaud. No ano seguinte, Dotremont juntamente com Asger Jorn, Joseph Noiret, Nieuwenhuis Constant, Karel Appel e Corneille, fundam em 1948 o Grupo COBRA, que manteve suas atividades até 1951. Dois anos depois, em 1953, Jorn em reação às iniciativas do arquiteto suíço Max Bill, que fundou a Escola de Ulm, no mesmo ano na Alemanha, com a proposta de resgatar os princípios da Bauhaus dos anos 1920, organiza o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista, o qual se manterá até a fundação da I.S.. A polêmica entre Jorn e Bill é abordada no texto *Contre le Fonctionnalisme*, escrito por Jorn por ocasião da Xª Trienal de Arte Industrial de Milão, em 1954, traduzido e publicado nesta edição. Para Jorn assim como para a I.L, a posição defendida por Bill representava a

existência humana conformista e estandardizada, vazia de toda poesia e imaginação reais. O M.I.B.I. contou com a participação de ex-integrantes do COBRA, assim como a entrada de novos artistas italianos como Giuseppe Pinot Gallizio.

III

Este número especial da RISCO reúne um conjunto de documentos e artigos que refletem o potencial e a atualidade da teoria e da prática situacionista. Transcorridos 65 anos desde as primeiras publicações do grupo, o ideário situacionista e sua crítica à 'sociedade do espetáculo' apresentam-se ainda atuais. As transformações políticas, sociais e culturais que marcaram as últimas décadas, decorrentes dos avanços do capitalismo, das novas tecnologias e do incremento das mídias sociais, apenas intensificaram o que nos anos 1960, ainda era apenas um anúncio. Se por um lado, apresentamos apenas um recorte no extenso material disponível relacionado à IS, a partir da seleção e tradução de alguns documentos, por outro lado, o conjunto de textos aqui reunidos, além de refletirem muito das pesquisas em desenvolvimento sobre a IS no Brasil, configuram uma mostra consistente sobre as possibilidades de se pensar a cidade, a paisagem, a cultura e o urbanismo contemporâneo à luz do pensamento situacionista.

A Seção REFERÊNCIA apresenta os textos, "Contra o funcionalismo", de Asger Jorn, já mencionado acima; "Notas para uma história do urbanismo labiríntico", publicado originalmente na Revista di Estetica dell'Università di Torino, em 1968, escrito por Mario Perniola; "A deriva: superação da arte ou obra de arte" de autoria de Anselm Jappe. A seção TRANSCRIÇÃO deste número traz a entrevista com Francesco Careri, intitulada "A Internacional Situacionista e a deriva contemporânea", realizada em Roma, no primeiro semestre de 2020, por Matheus Alcântara Silva Chaparim e Paulina Maria Caon, no contexto do lockdown naquela cidade devido a pandemia de Covid-19.

A Seção ARTIGOS e ENSAIOS é composta por treze (13) artigos, comentados a seguir. "Delírios ambulatórios e derivas urbanas", de Paola Berenstein Jacques, que discute as relações entre o pensamento situacionista e as proposições estéticas de Hélio Oiticica, ressaltando que Hélio formulou experiências estéticas que refletiram sua posição de crítica à 'sociedade do espetáculo', à passividade e à alienação da sociedade, a partir da construção de situações e da possibilidade de transformação da vida cotidiana. E ainda, o texto de Rita de Cássia Lucena Velloso, "'Já não existe agora'. Sobre a crítica situacionista à expropriação da comunicação como crítica de arquitetura", em que analisa a produção artística de Constant em conjunto ao texto "Comentários à Sociedade do Espetáculo", escrito em 1988, por Debord. Nesse texto, a autora ressalta a relação entre o empobrecimento da comunicação e o empobrecimento da vida sob a dominação do espetáculo, na estratégia capitalista e espetacular da produção das cidades, enfatizando a importância da crítica à própria experiência urbana. Ainda nesta vertente, encontra-se "Bright Lights, Big City. Luces de Gamonal y derecho a la ciudad" de Jose Manuel Rojo. Neste artigo, a crítica é pautada sobre a produção da cidade que se dá em função das estratégias de mercado, que conseqüentemente, levam à 'cidade sem memória', 'cidade sem identidade' e no esvaziamento da vida cotidiana. Para exemplificar, Rojo utiliza o caso de Gamonal, bairro da cidade de Burgos, na Espanha.

Lurdes Martinez em “Recorriendo la ciudad amnésica”, realiza uma crítica ao livro Walkscapes. El andar como prática estética”, de Francesco Careri, tencionando pontos de interpretação importantes sobre a cidade moderna, seu desenvolvimento e dinâmicas de funcionamento.

Aprofundando-se nos conceitos sobre deriva e desvio (*détournement*), João Emiliano Fortaleza de Aquino, em “Politização do espaço, espacialização do histórico. Deriva e desvio em letristas e situacionistas”, apresenta as definições e as relações entre esses conceitos, sob uma perspectiva histórica, promovendo uma reflexão do ponto de vista da produção da cidade – “lugar por excelência da experiência histórica” – apontando para o desvio e para a deriva enquanto experiências autenticamente políticas. Rodrigo Kamimura, em “O mundo revolucionário de *New Babylon*”, analisa o projeto *New Babylon* de Constant desenvolvido entre os anos 1956 – 1974. O artigo se desenvolve a partir das análises de textos, mapas e desenhos, bem como do estudo das relações de Constant com o ambiente cultural da época e com importantes figuras como Guy Debord e Henri Lefebvre. Suas análises vão ao encontro da reflexão sobre o comportamento do indivíduo, e a pertinência da cidade voltada para a emancipação humana. Em “Por que Potlatch? Contribuições do Boletim de Informação da Internacional Letrista para o estabelecimento de uma nova civilização”, as autoras Rachel Pacheco Vasconcellos e Thayuani Freire, analisam os boletins de informação da Internacional Letrista, apontando tanto para a originalidade do posicionamento crítico em relação à arte, ao espaço urbano e à vida cotidiana, como para o caráter político e experimental que também estará presente na formação da Internacional Situacionista.

Analisando o tema do Urbanismo Unitário desenvolvido pela I.S., Alex de Carvalho Matos apresenta o texto “A Internacional Situacionista e a ideia de um mundo sem fronteiras”. Seu texto é pautado no recente debate sobre “o mundo sem fronteiras” desenvolvido pelo filósofo francês Étienne Balibar e o linguista italiano Raffaele Simone, em entrevista com Béatrice Bouniol, publicada em 2018, tema também presente na fala do filósofo camaronês Achille Mmembe, em palestra na Universidade de Yale, no mesmo ano, e pelo economista português Boaventura de Souza. Ressalta-se que, no mundo globalizado, quem tem de fato mobilidade, mesmo diante das novas tecnologias de comunicação, é o capital. No bojo da discussão anterior, no que diz respeito a liberdade de ir e vir, Flávia Marcarine Arruda apresenta o texto “Nomadismo extensivo versus nomadismo intensivo: Ciganos na região metropolitana de Vitória” em que analisa o conceito de nomadismo associado à identidade cigana, distinguindo o nomadismo intensivo e o extensivo a partir do conceito de *cosmologia* de Roy Wagner (2015), que “parte do princípio que a visão de mundo é inseparável do modo como se dá cada ação, pensamento e emoção”. Neste caso, os ciganos possuem uma cosmologia própria, que faz parte de uma visão de mundo que os conduzem a uma arquitetura e ações específicas sobre o território.

Laura Fonseca de Castro, em seu artigo “Não há desvio sobre o vazio: a produção do espaço pela desvalorização, atualização e transformação de elementos existentes, utiliza o desvio (*détournement*) como método para se pensar a produção de espaço na cidade contemporânea. Apresenta um levantamento cronológico sobre o desenvolvimento do conceito de desvio em seus diferentes suportes, filmes, colagens, pinturas, panfletos, livros e revistas. Na escala da arquitetura e da cidade, ressalta o caráter experimental e de ação política transformadora do desvio, capaz de subverter a lógica instituída

dos processos decorrentes do capitalismo, servindo como crítica à noção de consumo alienado.

No artigo “De teste para política híbrida: o programa de praças de Nova York, as autoras Aline Moreira Fernandes Barata e Adriana Sansão Fontes, discutem a noção de participação a partir do Urbanismo Tático, das experiências na escala humana (ações que testam ideias e transformam os espaços urbanos), e das micropolíticas híbridas (iniciativas de pequena escala que promovem a interação entre poder público e a sociedade). Suas análises pautam-se no caso do Programa de Praças de Nova York (*The New York City Plaza Program*) criado pelo Departamento de Transporte da cidade de Nova York, que tem como proposta transformar as superfícies viárias subutilizadas ou residuais em praças. E, por último, Evandro Fiorin apresenta o texto “Nômades: as práticas errantes no ensino, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo”. O autor problematiza o processo de ensino e aprendizagem no curso de Arquitetura e Urbanismo, desenvolvendo a reflexão sobre a importância das práticas errantes como estratégia metodológica para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea. Ressalta a prática do andar na cidade como promotora de experiências que conduzem o aluno ao encontro com a cidade, com a paisagem e com o território, abrindo caminhos para outras possibilidades de pensar e projetar nas cidades.

Na penúltima seção, PONTO CRÍTICO, Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes resenha o livro *O gosto do mundo. Exercício de paisagem*, de Jean Marc Besse. O texto nos direciona à reformulação e a ampliação do conceito de paisagem, por tanto tempo limitado aos panoramas naturais e relacionado ao fazer estético, a uma edificação moral ou a uma emoção sensível. Atualmente, o conceito de paisagem relaciona-se de forma muito mais complexa ao poder político e econômico e, particularmente, constitui uma nova perspectiva para as questões ligadas ao projeto urbano e à concepção da cidade de forma geral.

E este número da *Risco* se encerra com a seção JANELA, relato poético das derivas realizadas pelos seus editores e Luciano da Costa, esperando que a leitura de seus textos estimule os debates sobre um ideário que ainda pode nos iluminar nesses dias de treva.

São Carlos, 30 de junho de 2022.

Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes, Carlos R. Monteiro de Andrade, Rodrigo Nogueira Lima

In Memoriam de Mário Perniola (1941 – 2018).